

Campanha mostrará que País está parando

OTÁVIO VERÍSSIMO

Racionamento de energia, congestionamento das linhas telefônicas, falta de vagões para transportes de carga, deterioração dos trens de subúrbio nas grandes cidades e calamitosa situação nos portos. São essas as principais peças que compõem o cenário do susto que a Associação Brasileira para Desenvolvimento da Indústria de Base (Abdib) resolveu dar em toda a sociedade brasileira e que está custando aos cofres da entidade cerca de 1,2 milhão de dólares.

Na realidade trata-se de uma grande campanha institucional que tem por objetivo chamar a atenção da opinião pública para a grave deterioração e a descontinuidade na montagem da infra-estrutura do País, principalmente nos setores de energia elétrica, transportes, siderurgia, petróleo, telecomunicações. "A campanha é mais um alerta para o fato de que o País está parando e poucas pessoas se dão conta disso", explica o presidente da Abdib, Antônio Teófilo Andrade Orth.

"Diversos setores produtivos continuam a registrar taxas de produção crescentes, principalmente aqueles ligados aos bens de consumo e aqueles dirigidos à exportação", comenta Andrade Orth. "Poucos se dão conta, no entanto, da fragilidade que alguns setores de infra estrutura começam a acusar, em consequência exatamente da incapacidade do setor público em realizar investimentos nessa área".

A fragilidade a que se refere Andrade Orth resulta da própria descontinuidade na montagem da infra-estrutura necessária ao País ao longo desta década e que é consequência de sucessivos cortes nos investimentos das empresas estatais. No início desta década os investimentos das empresas estatais representavam cerca de 5,5 por cento do Produto Interno Bruto (PIB). Já a proposta orçamentária para o próximo ano, que se encontra no Congresso Nacional, prevê 3,2 por cento do PIB para investimentos, ou seja, o mesmo percentual aprovado pela Sest em 1989 e cuja execução, após frustração das fontes de recursos, deverá atingir 2,8 por cento do PIB.

"Já se sabe, de antemão, que mais uma vez o equilíbrio entre receitas e despesas no Orçamen-

to será conseguido pela via dos cortes dos investimentos", comenta Andrade Orth. "Se isto vier a ocorrer, a já calamitosa situação virá a deteriorar-se ainda mais, comprometendo inclusive a manutenção dessa infra-estrutura, uma vez que os recursos disponíveis não serão suficientes para a expansão dos serviços fornecidos pelas empresas estatais".

TEMPO PERDIDO

Em sua campanha, destinada também a parlamentares e aos presidenciáveis, a Abdib não se furta a apresentar um farto arsenal de números para tornar o espectro da estagnação mais real. Em meio a gráficos e tabelas é possível destacar números que indicam o desempenho da economia brasileira nesta década de 80. O PIB que do pós-guerra até o final da década de 70 havia crescido a uma taxa média anual de 7,5 por cento, na década de 80 não atinge a 2 por cento. Como resultado, a renda per capita declinou e o resultado só não foi pior graças ao desempenho dos setores agrícola e de exportação.

Esse resultado negativo deveu-se basicamente à queda nos investimentos como proporção do PIB de 22,9 por cento em 1980 para 17,5 por cento em 1988. Por sua vez, a queda dos investimentos esteve mais associada à nula capacidade de poupança do setor público, o que, segundo a Abdib, acaba levando o País a assistir passivamente à deterioração de sua infra-estrutura com comprometimento da retomada do processo de crescimento econômico.

A Abdib procura mostrar

DIVULGAÇÃO



Teófilo: "Risco de racionamento"

também que o investimento das estatais federais em 1988 foi de 9 bilhões de dólares, o que representa uma queda de 35 por cento em relação a 1980, quando se investiu 14 bilhões. "Como consequência dessa drástica redução dos investimentos é possível prever, desde já, que o aumento da demanda no caso da retomada do crescimento da economia poderá representar o racionamento de energia elétrica já na próxima década", adverte Andrade Orth.

O presidente da Abdib ressalta que os investimentos no setor elétrico caíram de 6,9 bilhões de dólares em 1982 (pico) para 4,9 bilhões em 1988, o que equivale a uma retração de 29 por cento. Além disso, os investimentos em geração de energia também tiveram uma queda acentuada: 41 por cento em 1988 (2,5 bilhões de dólares contra 4,5 bilhões em 1982).

"É interessante observar que o Brasil precisa gerar um adicional anual de 2,5 a 3 mil megawatts, considerando-se um crescimento médio do consumo de 6 por cento ao ano", diz Andrade Orth.

No que se refere ao setor petroleiro, os números revelam que os investimentos caíram 51 por cento de 1982 (5,2 bilhões de dólares) para 1988 (2,5 bilhões de dólares). Mantido esse ritmo, não estaria descartada a hipótese de haver, a curto prazo, necessidade de aumentar as importações, agravando a dependência em relação ao mercado externo e gerando maiores problemas no balanço de pagamentos.

As estimativas quanto ao futuro do setor apontam para a necessidade de se passar dos 2,5 bilhões de dólares atuais para 3,8 bilhões de dólares em 1990 e 4,1 bilhões de dólares em 1991, o que permitiria atingir uma produção de 820 mil barris diários, contra os atuais 650 mil.

O mesmo quadro de queda nos investimentos também é observado no setor siderúrgico. Os investimentos caíram 86 por cento de 1980 (3,6 bilhões de dólares) para 1988 (0,5 bilhão de dólares). A capacidade produtiva das siderúrgicas estatais está praticamente estagnada há, pelo menos, cinco anos. A curto prazo, mantido o ritmo atual, o País passará a importar aço (o Brasil é hoje o sexto produtor mundial de aço).